

SOBRE “LA FRONTIÈRE ABSENTE (UM BILAN)”¹

Ercília Ana CAZARIN

Unijuí / Ufrgs

Este texto tem como objetivo compreender o “olhar” lançado por Pêcheux às questões apresentadas e debatidas durante o Colóquio “Materialidades Discursivas”. Em especial, sobre aquelas que ele julga importante retomar no texto de encerramento do referido evento. Metodologicamente, esta leitura retoma o texto de abertura do Colóquio, procurando entender se e como questões nele postas *ressoam* no texto de encerramento. Também recorro a outros textos que, no meu entender, ajudam a melhor pontuar as questões enfatizadas no texto em pauta.

Pêcheux (1981, p.15), na abertura do Colóquio, afirmava que o objetivo do mesmo era *provocar um reencontro entre os historiadores, os lingüistas e os analistas*. Esse objetivo inicial *ressoa* no texto de encerramento, no qual enfatiza a idéia de que o Colóquio se apresenta como um espaço de confrontação entre disciplinas que se definem por campos radicalmente heterogêneos (a língua, a história, o inconsciente), mas que todas têm a ver com o discurso. Este, entendido, a partir de Foucault, não somente como *documento*, mas como um *monumento*, objeto singular de linguagem, singularidade de uma situação histórica, singularidade de uma existência.

Enfatizava ele, que esses campos (da língua, da história e do inconsciente) têm a ver com o discurso, mas não tratam exatamente das mesmas questões. No texto de abertura, já está posto que, embora essas três áreas lidem com o discurso, não significa que falem da “mesma coisa”; *a questão teórica das materialidades discursivas surge precisamente daquilo que entre a história, a língua e o inconsciente, resulta como heterogeneidade irreductível* (op.cit. p. 15).

¹ “La frontière absente (um bilan)”, texto de Michel Pêcheux, consiste no título do texto de encerramento do colóquio “Materialidades Discursivas”. Referido colóquio ocorreu na universidade de Paris X - Nanterre em 24, 25 e 26 de abril de 1980. O texto de abertura do mesmo também foi pronunciado por Pêcheux e escrito em 1979. As atas desse Colóquio foram publicadas sob o título “Materialidades Discursivas” pela Presses Univ. de Lille, 1981.

Se Pêcheux apresenta a história, a língua e o inconsciente como campos distintos, mas que têm o discurso como o que os aproxima, é a coexistência e a interlocução, entre essas diferentes áreas que importa assinalar. Aqui, no meu ponto de vista, estaríamos diante de uma primeira ausência de fronteiras, ou seja, não há fronteiras fixas entre história, língua e inconsciente. O entendimento que estou tendo é que a fronteira não funciona como o *não-lugar*, e sim como o *lugar* em que essas áreas do conhecimento se entrecruzam.

Maldidier (1990, p.64-65), ao realizar a releitura da obra de Pêcheux, escreve que ele, no referido Colóquio, dirigiu-se *àqueles que trabalhavam no campo da lingüística, da história, da análise do discurso e da psicanálise, convocando o feixe de suas questões em torno do “triplo real - da língua, da história e do inconsciente”*. Segundo ela, o texto de lançamento do Colóquio despediu-se da “teoria do discurso”, de início, apresentada como um objeto teórico unificador, fazendo surgir uma nova visão no âmbito da análise do discurso. A questão das materialidades discursivas era, assim, colocada em um espaço de confrontação entre as disciplinas ‘*que se ocupam do discurso*’; nesse sentido, a análise de discurso era uma dentre as demais.

No texto de encerramento do Colóquio, Pêcheux (op.cit. p.199) escreve que o discurso não deve ser entendido como *um interior, lugar do dizível e do sentido, rodeado por um exterior, lugar do indizível e do sem sentido*. Salieta ele que, a partir das intervenções dos palestrantes, *o exterior de um discurso passa a ser pensado não mais como um além de uma fronteira, mas como um aqui, sem fronteiras assinaláveis, como a presença-ausência, eficácia do outro dentro do mesmo sentido*. Ao pontuar que o discursivo e o extradiscursivo passam a ser concebidos como espaços heterogêneos, Pêcheux traz, para o texto de encerramento, dentre outras², as contribuições de Courtine e de Marandin que

² Nesse sentido, Pêcheux rememora algumas intervenções do colóquio: retomada da causa da oposição discursiva / extradiscursiva, como dois espaços heterogêneos, pelo reconhecimento da produção discursiva da extradiscursiva (E. Laclau); indizíveis do discurso, da sintaxe, da lingüística ou da lógica (sob a forma do que não é aí representável, do que quebra a consistência de sua escritura), como efeito disto que eles não querem nada saber (P. Kuentz, F. Gadet, A Lecomte); fragmento discursivo, inconsistência de uma formação discursiva (J. J. Courtine), fala do outro na sua própria fala (J.Authier); irredutível da língua no discurso de um sistema conceitual (J.M. Rey); dominância

apontam para a instabilidade das fronteiras de uma formação discursiva e concebem a ideologia como efeito constitutivo do interdiscurso sobre o intradiscurso. Essas intervenções sinalizam para a ausência de fronteiras estáveis entre o interior e o exterior do discurso, entre uma e outra FD, entre o intradiscurso e o interdiscurso.

A partir do que escreve Malidier (op. cit., p. 67-78), podemos registrar que o Colóquio se constituiu em um espaço de *desconstrução-reconstrução, como uma passagem, como um momento de emergência de temas*, em especial, em relação àqueles *que se referem à problemática do discurso*. Segundo ela, *a questão do discurso é enfaticamente colocada sob o signo da heterogeneidade. O primado teórico do outro sobre o mesmo se impôs*.

Para além das questões até aqui postas, Pêcheux retoma um outro tema já abordado na palestra de abertura: a leitura, entendida como *um trabalho de trituração*. Na abertura do Colóquio (op. cit., p. 16), fazendo uma autocrítica questiona: *como não reconhecer que a pretensão de analisar discursos, coloca necessariamente em jogo uma deliberação para a imbecilidade? Fazer-se imbecil, isto é, decidir não saber daquilo que se lê, de se tornar estranho a sua própria leitura, na tentativa de desmanchar as evidências de uma leitura subjetiva?* E, aponta para o fato de que *é nas operações de recortar, de extrair, de deslocar, de confrontar que se constitui o dispositivo mais particular de leitura*, que ele propõe designar como *leitura-trituração*. No texto de encerramento, essa questão retorna quando Pêcheux se pronuncia no sentido de que a prática do trabalho sobre os discursos *não pode mais ser definida como uma leitura em que se misturam o ver e o entender, e sim como um trabalho no sentido de trabalho filosófico*. Um trabalho de leitura, nessa perspectiva, conduz, segundo ele, *a dar lugar ao inconcebível em um duplo gesto: conceber claramente o concebível para mostrar o inconcebível*, isto é, regular um sistema e um intradiscurso e destruir a homogeneidade imaginária dos mesmos.

ideológica como efeito do interdiscurso no intradiscurso: a lei de um discurso (o que domina e organiza um discurso) não está nas regularidades desse discurso, mas em um exterior imanente a ele mesmo (J.J. Courtine, J. M. Marandin).

Acredito que, em relação a essa questão da leitura, é importante apontarmos para o que ele escreve³, em abril de 1983:

A análise de discurso não pretende instituir-se especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (op. cit., p. 53).

Nesse ponto do texto, cita Marandin⁴: ‘não se trata de uma leitura plural na qual o sujeito joga multiplicando os pontos de vista possíveis para melhor aí se reconhecer, mas de uma leitura na qual o sujeito é, ao mesmo tempo, despojado e responsável pelo sentido que lê’ (op.cit., p. 53).

Uma outra questão destacada por Pêcheux, no texto de encerramento, é a do *acontecimento discursivo*. Pensar o discurso como acontecimento supõe conceber como este pode interromper um processo, romper uma repetição, uma retomada. Deste ponto de vista, o acontecimento é fundamentalmente uma interrupção e uma emergência, ou seja, é aquilo que irrompe, pela e na fala, no espaço da repetição discursiva. A fala aparece, então, *como a instância do Outro no discurso, no interior do campo mesmo da linguagem, como o que fura a ordem do discurso, estabelecendo uma ruptura com a “estabilidade” anterior; ao mesmo tempo, inaugura uma nova “estabilidade” discursiva, mas não logicamente organizada, pois a mesma tem a ver com a ordem do discurso que joga com a materialidade lingüística e histórica*. Essa postura teórica, em relação ao acontecimento discursivo, é reiterada por Pêcheux em “O discurso: estrutura ou acontecimento” (1990, p.17-19), quando escreve que o *acontecimento discursivo é o ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória*. O acontecimento discursivo desestabiliza o que está posto e provoca um novo vir a ser, reorganizando o espaço da memória que ele convoca.

³ In “Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso”. *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*. N° 01, 2ª ed., novembro 1998. Tradução de Ana Maria Dischinger Marshall e Heloísa Monteiro Rosário.

⁴ Jean-Marie Marandin, *Algorithmes* 81 (não publicado).

Retomando o texto de encerramento, podemos compreender que, simultaneamente à questão do *acontecimento discursivo*, Pêcheux acolhe intervenções de P. Henry, de J. M. Gaudillère, de A. Manier para salientar que a fala funciona como um jogo de linguagem no limite do silêncio: a fala intempestiva intervém como passagem aforística, que trabalha no discurso filosófico para desconstruir o dogmatismo; o enunciado wittgenstaniiano “o que é importante, é o que não pode ser dito” designa que o trabalho filosófico tem a ver com a linguagem sob a forma de uma questão paradoxal: como falar disto de que não se pode falar? Enfatiza Pêcheux: esse paradoxo atinge seu ponto máximo no momento em que o simbólico falta, no momento em que o visível de um gesto ou de uma imagem vem visitar a ausência de toda a fala.

Essas observações o levam a refletir sobre o *impossível da língua*. Segundo ele (op. cit., p. 202), a possibilidade de gramática de uma língua se funda da oposição entre o que pode ser dito e o que não pode, seja uma referência ao impossível, distinto do interdito (proibido) e condição deste. Salienta que esta referência ao *impossível*, condição da língua, aproxima-se da Gramática Gerativa Transformacional sob a forma da oposição entre *gramatical* e *agramatical*. Essa dicotomia conduziu vários palestrantes a interrogarem sobre a forma da *fronteira* entre esses dois termos. Sobre essa questão, Pêcheux registra a intervenção de F. Gadet que insistiu sobre o caráter não assinalável dessa dicotomia, argumentando que a mesma separa dois objetos que são fundamentalmente da mesma natureza; na mesma direção, P. Henry sublinhava a ligação dessa dicotomia ao *impossível da língua* pelo fato de que ela não separa nada; J. J. Courtine, por sua vez, afirmava que o exterior é tanto quanto o interior e que, se não há metalinguagem, nada impede de dizer o *impossível da língua*, concebido como sendo a ordem da língua afetada pelo interdiscurso. Esses questionamentos sobre o *impossível da língua* conduzem Pêcheux a interrogar sobre a autonomia da sintaxe, em referência à discursividade.

No texto “La langue introuvable”, se pode observar que nele a autonomia da sintaxe volta a ser questionada. Gadet e Pêcheux (1984, p.187) apontam para a

relativização da mesma, em especial, quando tomada no âmbito da discursividade; enfatizam, esses autores, que Chomsky opta por não levar em consideração que mesmo se admitindo o sistema como comportando um número de regras finitas que possibilitem um infinito número de construções possíveis, umas serão da ordem do possível, e outras da ordem do impossível da língua. Escrevem eles: *a tese da autonomia da sintaxe intervém na lingüística como uma ferida narcísica.*

Nesse texto, também está posto que na língua há espaço para o possível e para o impossível e que *o real da língua é o impossível que lhe é próprio.* Assim, em uma perspectiva discursiva, o que se pode entender é que não há o “fora da língua”, tudo está “dentro” dela - a sintaxe, lugar de organização da língua, tem espaço para a flutuação, para o jogo e para a falta. Estaríamos aqui, no meu entender, novamente frente a uma ausência de fronteiras, ou seja, não há como separar o *possível do impossível da língua.* Para a análise de discurso, a sintaxe, embora sirva como via de acesso à ordem do discurso, não se constitui em um domínio neutro, indiferente ao sentido, pois, na organização da língua, intervém o *real da história,* como uma contradição que interfere, constitutivamente, tanto no dizer quanto no interpretar.

Sintetizando: a instabilidade das fronteiras de uma FD, a ausência de fronteiras estáveis entre a história, a língua e o inconsciente, entre o interior e o exterior de um discurso, entre o possível e o impossível da língua nos conduzem a compreender o espaço fortemente heterogêneo concebido para a análise de discurso; por outro lado, entender o real da língua como distinto do real da psicanálise e, o real da história como contradição constitutiva do dizer, nos coloca diante do espaço singular, reivindicado por Pêcheux, para cada um desses campos de estudo. Por último, em relação ao discurso, quero entender que o mesmo se apresenta como uma trama de fios que tem a língua como materialidade que o torna possível, mas que é afetado pela história e pelo inconsciente.

Esse foi o meu *gesto de leitura,* mas como todos nós sabemos, com certeza, outros são possíveis.

Referências Bibliográficas:

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *La lengua de nunca acabar*. Tradução de Beatriz Job. México, Fondo de Cultura Económica, 1984.

MALDIDIER, Denise. (Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui. In *L'inquiétude du discours*. Paris, Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Ouverture du colloque. In *Matérialités Discursives*. Colloque des 24, 25, 26 avril 1980. Université Paris X – Nanterre. Lille, Presses Universitaires, 1981.

_____. La frontière absente (um bilan). In *Matérialités Discursives*. Colloque des 24, 25, 26 avril 1980. Université Paris X – Nanterre. Lille, Presses Universitaires, 1981.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. Tradução de Ana Maria Dischinger e Heloísa Monteiro Rosário. In *Cadernos de Tradução. Instituto de Letras – UFRGS*. N° 01, 2ª ed., nov. 1998.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP, Pontes, 1990.